

PORNOGRAFIA: EXPLORANDO IMPACTOS, PERCEPÇÕES E CONSENTIMENTO NO ENSINO DE BIOLOGIA

PORNOGRAFIA: EXPLORANDO IMPACTOS, PERCEPCIONES Y CONSENTIMIENTO EN LA ENSEÑANZA DE BIOLOGIA

Paulo de Tassyo Rodrigues Rocha

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Câmpus Araguaína, Curso
Biologia

paulo.rocha@ufnt.edu.br

Victor Almeida Rivero

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Câmpus Araguaína, Curso
Biologia

victor.rivero@mail.uft.edu.br

Yonier Alexander Orozco Marin

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Câmpus Araguaína, Curso
Biologia

yonier.marin@mail.uft.edu.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é contribuir na formação de professores de biologia em relação à abordagem da pornografia, através do desenvolvimento de uma oficina com questionários, aplicada a um público masculino (homens cisgênero), sobre percepções de consentimento e pornografia. O trabalho coloca em discussão o imaginário de determinismo biológico sobre o impulso ou instinto sexual masculino que circula na sociedade, por meio da discussão sobre o consentimento e os ensinamentos contrários que perpassados pela mídia erótica de maior circulação, através de uma pesquisa interventiva com um público masculino não escolar.

Palavras-chave. Educação para a justiça social; Educação sexual; Gênero e educação; Machismo

Eixo temático: 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia

Modalidade: Pesquisa Acadêmica

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es contribuir a la formación de profesores de biología en relación con el enfoque de la pornografía, a través del desarrollo de un taller con cuestionarios, dirigido a un público masculino (hombres cisgénero), sobre percepciones de consentimiento y pornografía. El trabajo pone en discusión el imaginario del determinismo biológico sobre el impulso o instinto sexual masculino que circula en la sociedad, mediante la discusión sobre el consentimiento y los mensajes contrarios que son transmitidos por los medios de comunicación erótica de mayor difusión, a través de una investigación intervencionista con un público masculino no escolar.

Palabras clave: Educación para la justicia social; Educación sexual; Género y educación; Machismo.

Eje temático: 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia

Modalidad: Investigación académica

INTRODUÇÃO

Etimologicamente, a palavra pornô vem do grego - *pórnē,ēs* - (prostituta ou depravada) e *graphein* (escrever), e representa qualquer material destinado a causar excitação erótica. Tal conceito pode ser observado desde os povos do paleolítico, que remontam a 28.000 e 25.000 a.C. Nessa cultura, expressões artísticas em estatuetas e pinturas das mais variadas formas eram comuns, onde o significado poderia dispor do propósito meramente de excitação sexual, ou de acordo com White (2006), seria uma representação da fertilidade ou deusa mãe.

Dentro do mesmo cenário, avançando alguns milênios na escala do tempo, pode citar-se também o *Kama Sutra*, que é obra de origem Hindu datada desde os primeiros achados escritos há mais de 2000 anos a.C, que descreve e ilustra detalhadamente 529 posições sexuais, que são tratadas pela religião hinduísta com um viés sacral, simbolizando principalmente o amor, prazer e a união, como descrito por Barrett (1962). Na mesma época, os Etruscos trabalhavam detalhadas ilustrações seus vasos de cerâmica, representando diversos contexto do cotidiano, incluindo, atos sexuais.

Este panorama histórico revela de forma significativa como as representações artísticas erituais relacionados à representação da sexualidade permeiam as eras, oferecendo uma perspectiva da diversidade cultural ao longo do tempo. Na sua pesquisa, Michael B. Robb e Supreet Mann (2023) nos trazem uma pergunta muito importante a ser feita “O que significa crescer em um mundo onde a pornografia é de fácil acesso desde jovem?”. A partir desta pergunta podemos inferir que a pornografia se faz presente no cotidiano de muitos jovens nascidos na nova era da tecnologia. Robb e Mann (2023) também afirmam que existem diversas razões pelas quais o uso de pornografia por jovens possui tão poucos estudos, dentre elas estão razões morais, éticas, políticas e metodológicas, pois “estamos presos em uma situação em que existe uma preocupação generalizada e imediata, mas sabemos muito pouco sobre as questões subjacentes” (Robb e Mann, 2023, p1). Sobre a pornografia e seu consumo recaem uma série de preceitos morais que colocam sua discussão como um tabu, a pesar de seu consumo cada vez crescente por jovens e adultos.

Robb e Mann (2023) destacam que a internet é um local onde os jovens se aventuram e exploram diversos temas, dentre eles a pornografia. Tendo em mente o fácil acesso à internet nos dias de hoje não é incomum que os jovens que tenham acesso a celulares ou laptops ou qualquer outro eletrônico com acesso à internet estejam expostos a esse tipo de conteúdo. Os autores também nos dizem que há uma certa dificuldade em monitorar e controlar esse acesso que os jovens possuem a esse conteúdo pornográfico.

No contexto escolar, é comum que a abordagem da sexualidade seja atribuída aos(as) professores de ciências naturais. No entanto, é crucial questionar se há oportunidade para discutir pornografia no ensino de biologia. Os(as) professores(as) em formação recebem preparação para lidar com esse tema de maneira responsável? Segundo Marin (2019) o discurso biológico que circula nas escolas sobre gênero, corpo e sexualidade se enquadra principalmente em paradigmas binários, biomédicos e moralistas, silenciando elementos de subjetividades. Desde esse paradigma biomédico parece não se apresentar espaço para discutir pornografia em sala de aula.

A pornografia, como conteúdo midiático, é consumida em diversas escalas e é conhecido por afetar pessoas de diferentes idades. Entre os fatores que mais contribuem para o

continuo aumento do consumo exagerado de pornografia está a grande facilidade de acesso a este conteúdo, algo que por sua vez é resultado do aumento da tecnologia e dos efeitos da globalização. Segundo Isabella Resende (2023) é extremamente comum que atualmente haja uma maior tendência do ser humano a desenvolver compulsões por diversos objetos, dentre os mais comuns está a pornografia. Laís Landes Monteiro e Alexandra de Gouvêa Vianna (2020) destacam que a pornografia é frequentemente associada à representação das mulheres como objetos sexuais desumanizados, cujo propósito principal é a satisfação dos desejos masculinos. Esta caracterização contribui para a normalização de atitudes negativas como desprezo, humilhação e raiva em relação ao gênero feminino na sociedade.

Podemos afirmar que são jovens que fazem consumo desse conteúdo por meio dos dados de Robb e Mann (2023) os quais mostram que 15% dos jovens de 10 anos ou menos já tiveram contato com a pornografia, assim como 54% dos que possuem 13 anos ou menos e também 73% dos que possuem 17 anos ou menos, em média os jovens estão consumindo pornografia entre meados dos seus 12 anos de idade.

Após essas considerações é importante que seja feita a pergunta “Como esse tema se encaixa no ensino de biologia?”, para responder esse questionamento podemos traçar um paralelo com o artigo de Suzana da Conceição de Barros e Paula Regina Costa Ribeiro (2021) onde é afirmado brevemente que os efeitos do *sexting* se enquadram no contexto da educação por estarem entrando nas escolas através dos(as) alunos(as).

Dessa maneira, podemos introduzir outro conceito importante para a discussão e que traz à tona a possibilidade de discutir conceitos e discursos biológicos em relação à pornografia. Trata-se do conceito de consentimento. Em discussões cotidianas costuma-se a associar a sexualidade masculina de homens cisgênero com desejos sexuais mais intensos como produtos de seus hormônios, os chamados de impulsos ou instintos sexuais (Bonfim, 2005). Desde este imaginário, supõe-se que homens são empurrados pela sua natureza a procurar satisfação sexual o tempo todo, ignorando elementos como o consentimento, o diálogo, as relações culturais, a responsabilidade afetiva, entre outros. Ou seja, de alguma maneira a biologia, ou melhor, imaginários e discursos construídos

sobre a biologia, acabam sendo utilizados para justificar violências sexuais e de gênero, inclusive em contextos escolares (Marin, 2019).

O consentimento não é um conceito derivado da biologia, e seu uso se estende em diversas dimensões, inclusive as legais, pois hoje é colocado como categoria que pode até definir a licitude de um ato sexual. Segundo Fernandes e colaboradores:

O consentimento, tal como pensado jurídica e filosoficamente, localiza-se na linha oposta da violência. Assim, a violência sexual existe quando se viola o consentimento do sujeito (Zilli, 2018) ou quando a violência pode ser presumida, a exemplificar pelo estupro de pessoas consideradas juridicamente vulneráveis. A vulnerabilidade é um aspecto que impacta diretamente a almejada autonomia do sujeito que consente e que serve juridicamente como justificativa para anular o consentimento, como é o caso do tráfico e pessoas para fins de “exploração sexual”. (Fernandes et al., 2020, p. 168).

O imaginário do impulso sexual biológico, especialmente entre homens cisgênero, sugere uma forte determinação que desconsidera o diálogo e a autonomia dos outros. O ensino de ciências e biologia pode desempenhar um papel importante na discussão desse determinismo biológico. A pornografia, frequentemente acessada por crianças, jovens e adultos para entender o sexo, muitas vezes veicula mensagens de violência sexual sem consentimento (Valencia e Marin, 2022).

Destacamos que o objetivo deste trabalho não é necessariamente categorizar como negativo por si mesmo o consumo de pornografia, mas sim, destacar a necessidade urgente de tirar esse debate do privado, e torná-lo público em espaços escolares e familiares, com possibilidade de discussão atualizada, livre de moralismos e com viés de justiça de gênero e social, dessa maneira, contribuindo na formação de professores de biologia em relação à abordagem da pornografia em aulas de biologia.

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho foi contribuir na formação de professores de biologia em relação à abordagem da pornografia em aulas de biologia, por meio da descrição e caracterização do desenvolvimento de uma oficina proposta por professores de biologia em formação com público masculino, sobre percepções de consentimento e pornografia.

METODOLOGIA

O presente trabalho se enquadra como uma pesquisa de natureza interventiva. Segundo Teixeira e Neto (2017) a pesquisa de natureza interventiva articula ação e pesquisa. Dentro dos tipos de pesquisa que compreendem a pesquisa de natureza interventiva, esta pesquisa se classifica como uma pesquisa de aplicação, pois envolve planejamento, aplicação e análise de dados sobre o processo desenvolvido (Teixeira, Neto, 2017), neste caso, uma oficina abordando a problematização sobre conceitos de pornografia e consentimento, ministrada por dois professores de biologia em formação, com público masculino não escolar.

O estudo foi desenvolvido na íntegra no contexto da disciplina obrigatória intitulada "Metodologia de Ensino em Biologia II", ofertada no âmbito da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), inserida no currículo do curso de Licenciatura em Biologia. Como projeto da disciplina, optamos por esquadrihar a pornografia de maior circulação comercial, desde uma perspectiva de discutir imaginários e discursos biológicos que circulam sobre a ideia de instinto ou impulso sexual. Optamos por escolher público masculino para aplicar a oficina pela importância de envolver masculinidades nos debates sobre gênero e sexualidade (Marin, 2022).

Uma oficina foi organizada pelos autores que são professores de biologia em formação, é realizada em ambiente virtual pelo Google Meet, dividida em dois dias, com 3 participantes no primeiro dia e 2 no segundo, visando acomodar os horários disponíveis. Os 5 participantes, todos autodeclarados heterossexuais cisgêneros entre 19 e 40 anos, são membros de um grupo de amigos no WhatsApp há cerca de 4 anos, com interações além do escopo da pesquisa, incluindo jogos online. A proximidade amistosa com um dos autores do artigo facilitou a abordagem do tema sensível da pornografia, mas que é crucial para promover uma formação sociopolítica abrangente, indo além da mera transmissão de conhecimento técnico.

No contexto da formação sociopolítica, esse enfoque contribui na capacitação de futuros professores quanto a compreensão crítica das dinâmicas sociais relacionadas à sexualidade (Marin, 2022). A consciência dos impactos desses temas nas esferas pessoais

e sociais é fundamental para o desenvolvimento de cidadãos mais informados, éticos e capazes de contribuir para um diálogo construtivo e responsável na sociedade contemporânea dentro do viés educacional e biológico (Cassiani e Marin, 2020).

REALIZAÇÃO DA OFICINA

Na fase inicial da oficina, os participantes leram e assinaram termo de consentimento livre e esclarecido para garantir sua privacidade e comunicar os objetivos da pesquisa. Em seguida, foi aplicado um questionário inicial via *Google Forms*, abordando diversas questões pertinentes ao tema da oficina. Essa plataforma foi escolhida pela sua conveniência e eficácia na coleta e análise de dados online.

Após a aplicação dos questionários, inicialmente, foi realizada uma breve exposição contextual de natureza histórica, por meio de uma aula expositiva dialogada (Hartmann, Maronn, Santos, 2019) abordando a origem do conceito de erotização, abrangendo desde o período primitivo do hominídeo no paleolítico, perpassando a cultura greco-romana, hinduísta, etimologia do termo pornô e culminando na análise do crescimento exponencial da produção e consumo de material adulto. Durante a exposição da linha temporal, enfatizou-se a intrínseca inserção desse fenômeno na trama cultural da sociedade, permeando diferentes estratos midiáticos e manifestações de entretenimento. Conforme menciona Izabela Louzada Rocha e Laiane Caetano Fantini:

Na cultura gamer e principalmente no design de jogos AAA o corpo feminino, num aspecto geral, tem sido representado no decorrer dos anos com o intuito de satisfazer anseios de um público específico, hetero cisgênero masculino, não necessariamente buscando corresponder ao desenvolvimento dessas personagens. Ao reforçarem estereótipos, esses jogos não só excluem parte de um público que não consegue se ver representado nesses produtos ou serviços, mas alimentam um estigma que reflete inclusive na sociedade, o de que mulheres com um fenótipo não idealizado, ou seja, mais próximos de contornos humanos, seriam “irreais”. (Rocha e Fantini, 2020, p. 430)

O debate abordou conceitos recorrentes, como a erotização do corpo em jogos e mídias de entretenimento, suscitando preocupações sobre suas repercussões na percepção social e na influência sobre os jogadores, especialmente os mais jovens. A pornografia em jogos

online foi destacada como uma forma de incursão da pornografia em diferentes mídias, sendo relevante devido à familiaridade dos participantes com esses jogos. Além disso, discutiu-se a diferença entre conteúdo erótico e conteúdo erotizado, com exemplos da presença desses elementos nos universos digitais dos jogos.

Um aspecto crucial a ser trabalhado quanto a temática corporal remete ao conceito de "dominação masculina". Nesse contexto, percebe-se uma ênfase na imposição de pressão sobre os homens, tanto cisgênero, como transgênero, para que expressem características como força, poder e virilidade. Essa consideração está intimamente ligada à ansiedade em torno das dimensões dos órgãos genitais e ao desempenho no ato sexual. Junto a essa problemática, também foi abordada uma discussão sobre os imaginários sobre impulsos e instintos sexuais, promovendo uma compreensão da dimensão patriarcal, cultural e educacional que influencia em comportamentos de assédio (Bonfim, 2005), sem respeito ao consentimento e autonomia dos sujeitos (Fernandes *et al.*, 2020).

As mídias pornográficas focam nos órgãos genitais, mas o corpo humano possui uma rede complexa de sensações táteis. Essas áreas não se limitam ao prazer, incluindo percepções de dor, temperatura e textura, destacando a complexidade das experiências sensoriais. Além disso, as experiências corporais envolvem subjetividades e emoções que vão além de uma abordagem puramente econômica ou biomédica.

Nesse sentido, o consentimento estabelece uma resistência e se opõem aos conceitos traduzidos como intuitivos, que são acentuados dentro das mídias produtoras de material erótico, acometendo atos avessos à ética, moral e direitos humanos, sempre delimitados e justificados por determinados comportamentos ou ações de terceiros que levam o indivíduo a impulsos “comparativos a animais”, mas que na realidade, demonstram um padrão comportamental, ou seja, “a sexualidade não pode ser compreendida simplesmente como um instinto orgânico. Ela é um produto da cultura. No tempo e na localidade em que ela se insere, existem variações de suas práticas e do discurso que se cria a respeito dela” (Bonfim, 2005, p. 1). Essas temáticas foram objeto de discussão na oficina.

CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Após aplicado o termo de consentimento seguimos para a inserção do questionário já mencionado acima. As respostas foram dadas de tal forma que puderam ser divididas em 6 perguntas: 1 Você faz uso de conteúdo pornográfico? 2. Você acha que o conteúdo pornográfico hoje em dia: (foi longe demais, tem temas pesados, está em um nível aceitável, não tem nenhum conteúdo pesado). 3. O que você considera um conteúdo sexual e um conteúdo sexualizado (conteúdo extremamente explícito, minimamente censurado, sugestivo a algo, *fanservice*, todos). 4. Você assiste pornografia apenas para fins de entretenimento ou para atos de masturbação? (Entretenimento, atos de masturbação, ambos). 5. Você acha a pornografia realista? 6. O que você entende por consentimento?

Neste trabalho, analisamos de maneira qualitativa as respostas dos participantes à pergunta 6. Segundo Marin (2022) a inserção de análises qualitativas contribui a obter compreensões mais abrangentes sobre percepções e representações de sujeitos participantes, neste caso, as percepções sobre consentimento.

RESULTADO E DISCUSSÕES

Destacamos a seguir as respostas de três participantes, identificadas com códigos aleatórios:

“O consentimento para mim é o desejo da pessoa, a vontade e a autorização do ato, se há falta de consentimento de um dos indivíduos é considerado crime, estupro.” (P1)

“Consentimento para mim é quando as duas pessoas estão de acordo com o que elas vão fazer, se não houver acordo então não deveria ter nada por parte de nenhuma das pessoas envolvidas” (P2)

“Consentimento pra mim é literalmente o consenso de sentimentos, com ambas as partes de acordo com o ato e também acho que mesmo a indução (influência ou estímulos) para que ocorra algo com ‘Consentimento’ na minha opinião é duvidoso, enfim todos tem que sair satisfeitos no final e sem dúvidas de nada.” (P3)

As respostas dialogam com as perspectivas apontadas por Fernandes et al (2020) de que o consentimento é um conceito que pode ser compreendido desde diversas perspectivas, e que ganhou mais notoriedade nos últimos anos graças ao debate sobre a legalidade e

o aspecto criminal de delitos sexuais. A fala do P1 remete a esse elemento quando menciona que atos sexuais sem consentimento de uma das partes podem ser considerados crime, inclusive estupro. Já as falas de P2 e P3 remetem a elementos que apontam para a necessidade de consenso e diálogo entre as partes quando se trata do relacionamento sexual. Nesse sentido, percebemos que a pornografia de maior consumo comercial pode afetar a noção sobre consentimento, pois nos roteiros de filmes e vídeos pornô não é comum encontrar espaços para diálogos prévios entre os atores. Tal como destacado por Monteiro e Vianna (2020) a pornografia reproduz mensagens de ódio e desprezo ao gênero feminino, perspectivas de ódios desde as quais não parece necessário o diálogo ou

a troca prévia com a finalidade de compreender o consentimento como parte essencial do ato sensual.

Portanto, com este trabalho percebemos a necessidade de incluir a educação sobre consentimento nas aulas de educação sexual, educação para a sexualidade e nas aulas de ciências e biologia. A discussão sobre imaginários que circulam na pornografia de maior consumo comercial pode contribuir nessas abordagens (Valencia e Marin, 2020). Os outros dois participantes do trabalho deram respostas mais curtas, que trazemos a seguir:

“O ato de permissão para certas ações e falas.” (P4)

“Quando vc faz um ‘avança’ e a pessoa permite” (P5)

Tanto estas últimas falas, como as falas dos participantes P1, P2 e P3 parecem passar uma ideia de passividade de um sujeito em relação ao outro no ato sexual, um propõe e o outro aceita. Denota-se ausência de representações sobre o consentimento como conversa para além do ato sexual. Rocha (2019) destaca que a pornografia pode aprofundar dificuldades em estabelecer relações afetivas e de diálogo em relação ao sexo, nesse sentido, também obstaculizar possibilidades de construir compreensões mais complexas sobre o consentimento.

A resposta de P5 resume o ato de consentimento como pedir permissão, como um “avança”, essa palavra usada em questão pode ter um grande número de significados, mas iremos focar em somente um. O um significado que iremos focar é haveria um ato em relação à outra pessoa, que haveria uma tentativa de se aproximar da pessoa antes de que a pessoa realmente tenha dado algum sinal de consentimento. Esse tipo de pensamento e comportamento é bem característico dos conteúdos pornográficos (Monteiro e Vianna, 2020), de maior circulação comercial, pois através do consumo e da assimilação de algumas características específicas deste conteúdo consumido é possível que surjam respostas deste cunho. O constante consumo desta mídia pode influenciar o comportamento dos jovens, uma vez que quando estamos nos desenvolvendo tendemos a emular o que mais vemos ao nosso redor. Uma vez que o que mais vemos são conteúdos

pornográficos de cunho agressivo, é possível que tenhamos respostas como essa se tornando mais constantes. Insistimos em que nosso propósito não é catalogar como necessariamente negativo o consumo de pornografia, mas sim, apontar por meio dessas reflexões a importância de esforços por problematizar noções de consentimento na pornografia, abertamente com adolescentes e jovens.

Durante o desenvolvimento da oficina, os participantes compartilharam uma multiplicidade de percepções relacionadas à pornografia, abordando tanto sobre seu consumo pessoal quanto a maneira como compartilham o conteúdo dentro de seus círculos de amizade mais próximos. Essas perspectivas revelaram-se profundamente vinculadas à naturalidade com que a maioria dos participantes percebe o tema. Porém, numa sala de aula essa naturalidade e espontaneidade é mais difícil de construir entre professores(as) e alunos(as) por conta do pânico moral que o assunto da pornografia gera (Valencia e Marin, 2022). Por isso é importante pensar o aspecto das relações entre professor(a), aluno(a) e famílias, e seu fortalecimento, como uma via para poder ter conversações abertas na educação sexual e para a sexualidade de crianças e jovens desde o ensino de ciências e biologia.

As discussões proporcionaram um panorama abrangente das atitudes variadas em relação à pornografia, destacando a influência de fatores sociais e culturais na formação das opiniões individuais. Além disso, emergiu uma compreensão mais aprofundada sobre como as representações midiáticas em filmes, jogos e afins, contribuem para a construção das percepções coletivas e individuais acerca desse tema sensível. Essa troca de ideias promoveu uma reflexão mais ampla sobre as dinâmicas sociais que permeiam o público consumidor, explorando nuances que vão além da mera análise do ato em si, como por exemplo:

“Tem muito jogo que com personagens sensuais demais, não tem nada a ver com a história dela” (P1)

“Quando fiquei a primeira vez com uma mina, vi que não era nada parecido como nos vídeos” (P3)

“Eu tinha muita vergonha por causa do tamanho do meu pinto, tá ligado? Mas eu pesquisei muita coisa, e hoje sei que não tem nada a ver isso aí” (P4)

Um aspecto notável que emergiu durante a realização da atividade, foi a afirmativa dos participantes quanto ao uso de material pornográfico como uma fonte para esclarecer dúvidas relacionadas ao comportamento sexual, revelando elementos que contribuem para a perpetuação de estereótipos corporais irreais, gerando pressões em relação ao desempenho esperado durante o ato sexual (Valencia e Marin, 2022). Questões relacionadas aos estereótipos corporais podem ser identificadas entre os participantes,

incluindo dúvidas sobre as representações padronizadas do tamanho e formato do pênis, onde frequentemente nos filmes adultos, essa representação é feita como sendo um membro grande e retilínea, ignorando a diversidade existente em termos de tamanhos, cores e formatos do falo.

No que diz respeito a padrões comportamentais, tornou-se claro nas análises dos dados do questionário e nas discussões durante a oficina que a prática do consumo pornográfico também influencia comportamentos considerados normais como por exemplo o papel noato, exercendo um impacto significativo nas dinâmicas sociais e nas inter-relações. Dentro desse contexto, a discussão inicial sobre consentimento possibilitou a identificação da importância da permissão para realizar algo, com todos demonstrando compreender o significado e a aplicação desse conceito em um relacionamento antes mesmo de debater sobre demonstrando nos seguintes comentários:

“Eu não teria coragem de forçar uma mina ficar comigo sem ela querer, é barril demais” (P4)

“Meu pai conversava muito comigo sobre sexo quando eu era adolescente, então pra mim foi de boa, eu vejo vídeos mas to ligado que não é real” (P5)

Sob a perspectiva delineada, as discussões proporcionaram não apenas uma compreensão acerca do anseio em assimilar o mencionado tipo de mídia, remontando a milênios de

histórias, mas também contribuíram para a tentativa de desmistificação alguns estigmas e estereótipos perpetuados pelo contexto sociocultural. Destacamos que pelo menos no nível declarativo, é possível mobilizar discussões potentes e transgressoras ao redor da pornografia com público masculino, desmitificando imaginários sobre determinismo biológico do impulso e violência sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os resultados obtidos através da análise das respostas dos participantes podemos inferir que os jovens estão sim em contato com o mundo da pornografia industrial que nos é exposta por toda a internet. Sendo esta pornografia cunhada em uma visão violenta do que é o ato sexual ela acaba por influenciar e modificar de forma sutil como os jovens veem essa indústria da pornografia, podendo sim afetar a forma como eles vêem o mundo e como eles entendem o que é consentimento. Contudo, nesta experiência evidenciamos ser possível promover discussões como professores de biologia em formação, para desconstruir imaginários de determinismo biológico sobre o “impulso” ou “instinto”

sexual masculino violento, e mobilizar discussões pertinentes sobre o consentimento. Nesse sentido, linkar as discussões sobre pornografia às discussões sobre consentimento pode ser uma estratégia relevante no ensino de biologia, tanto em sala de aula, como na formação inicial e continuada de professoras(es).

REFERÊNCIAS

- Barrett, L. Resenha do Kama Sutra de Vatsyayana. *Diário da Biblioteca*, 15 de outubro, p. 3682-3683, 1962.
- Barros, S.; Ribeiro, P. Entre nudes, vingança pornográfica e sexting: o que o ensino de biologia tem a ver com essas questões? *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 14, n. 1, p. 272-289, 2021.
- Bonfim, V. Sobre o dispositivo histórico de sexualidade e a educação escolar. VIII SEMOC – Semana de Mobilização Científica, 2005.
- Cassiani, S.; Marin, Y. Outras respostas para uma velha pergunta: ¿por que e para que ensinar biologia? *Perspectivas educativas*, v. 10, n. 1, p. 17-46, 2020.
- Fernandes, C.; Rangel, E.; Benítez, M.; Zampiroli, O. As porosidades do consentimento. Pensando afetos e relações de intimidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, n. 35, p. 165–193, 2020.
- Hartmann, A.; Maronn, T.; Santos, E. A importância da aula expositiva dialogada no ensino de ciências e biologia. *Memórias II Encontro de Debates sobre trabalho, educação e currículo integrado, GIEPE – IFFarroupilha*, 2019.
- Leite, F. O que é bom para elas: Cenários de empoderamento numa pornografia feminista. *Legenda*, n. 26, p. 167-178, 2012.
- Lowenkron, L. Da materialidade dos corpos à materialidade do crime: A materialização da pornografia infantil em investigações policiais. *MANA*, v. 19, n. 3, p. 505-528, 2013.
- Marin, Y. Problematizando el discurso biológico sobre el cuerpo y género, y su influencia en las prácticas de enseñanza de la biología. *Revista Estudios Feministas*, v. 27, n.3, e56283, 2019.
- Marin, Y. Antirracismo e dissidência sexual e de gênero na educação em biologia: Caminhos para uma Didática Decolonial e Interseccional. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.
- Monteiro, L.; Vianna, A. Pornografia, subjetividade e violência de gênero. *Polêmica - Revista eletrônica da Uerj*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 26-41, 2020.
- Preciado, P. *Testo Junkie: Sexo, Drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Resende, I. Pornografia, adicção e psicanálise: uma interface entre cultura e inconsciente. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências, Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, no curso de Psicologia. Brasília. p. 63, 2023.

Rocha, D. Quando o que tu consumes te consome: vício em pornografia existe? Revista da sociedade de psicologia do rio grande do Sul, Porto Alegre, v. 8, n.2, p.70-73, 2019.

Robb, M.; Mann, S. Teens and Pornography. Common sense, San Francisco CA, p. 1-27, 2023.

Teixeira, P.; Neto, J. Uma proposta de tipologia de pesquisas de natureza interventiva. Ciência & Educação, v. 23, n. 4, p. 1055-1076, 2017.

Valencia, J.; Marin, Y. Reflexiones desde las clases de biología en torno al consumo de pornografia como un presunto educador sexual. Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática, RIECIM, v. 2, n. 2, p. 112-127, 2022.

White, R. The Women of Brassempouy: A Century of Research and Interpretation. Journal of Archaeol Method Theory, n. 13, p. 250–303, 2006.